



## Denominação de ruas

Orosimbo Maia, Prefeito Municipal de Campinas, etc.

Faço saber que, em virtude de deliberação da Câmara e de acordo com o art. 7.º da lei n. 87, de 10 de Março de 1902, as ruas e praças da Sub-Prefeitura do Arraial dos Souzas foram assim denominadas :

### Ruas

*Vinte e Quatro de Julho*—a que parte da estação da estrada de ferro até o ponto onde atravessa os trilhos da referida estrada ;

*Quinze de Novembro*—a continuação da mesma rua, até o extremo da praça S. Sebastião ;

*Treze de Maio*—a mesma, em continuação, desde o canto da referida praça São Sebastião, a seguir até a estrada conhecida pelo nome de Dr. Lacerda ;

*Commercio*—a rua que começa no rio Atibaia e segue até a estrada de Cabras ;

*Sete de Setembro*—a que fica imediatamente paralela, a começar do rio mencionado e vai findar na praça da Matriz ;

*Humaytá*—a paralela a esta ultima, que começa no rio Atibaia, passa em frente ao edificio da Sociedade Mutuos Soccorros e vai á estrada ;

*Atibaia*—a que principia na rua do Commercio e vai á praça S. Sebastião ;

*Piratininga*—a que começa na rua Humaytá e segue até a rua do Commercio ;

*Tuyuly*—a que começa na rua Humaytá e segue até a rua do Commercio ;

*Riachuelo*—a paralela a esta ultima, desde seu principio, até a rua do Commercio, já estrada de Cabras.

### Praças

*S. Sebastião*—a que fica em frente á capella do Santo desse nome ;

*Sant'Anna*—a que fica fronteira á Matriz.

E para conhecimento de todos, expedese o presente. Eu, Benedicto Octavio, sub-secretario, o escrevi.

Campinas, 16 de Março de 1910.

OROSIMBO MAIA.



# A passagem de Humaitá

## Marina de Campos Lomba Bertoni

Fatos históricos acontecem, batalhas e combates se travam e no entanto a maioria do público ignora como tais acontecimentos se deram. Um ou outro escritor conta, nem sempre de modo compreensível, como sucedeu tal ou qual evento. Por exemplo, visitando o local onde se deu a tomada do Monte Castelo durante a Segunda Grande Guerra Mundial tentar os visualizar a luta que os brasileiros travaram durante aquele inverno rigoroso. Impossível. A zona irregular, coberta de vegetação, já não guarda sequer as cicatrizes das enormes feridas abertas na ocasião. Talvez algum dos oficiais que tomou parte na refrega tenha documentado com detalhes a batalha. Pessoalmente nada achamos sobre o assunto. E lá muito menos.

Assinalando a passagem dos 111 anos da travessia do Passo do Humaitá — 19 de fevereiro de 1868 — o acontecimento naval de grande importância para o Brasil na Guerra do Paraguai, a Marinha Brasileira em seu Boletim de n.º 428 denominado NOMAR, apresenta um desenho, ainda que tosco, mostrando a zona onde se deu a luta. Desse modo, qualquer um pode entender como pelejou a esquadra para vencer aquele ponto do rio Paraguai.

A Fortaleza inimiga, sobre a margem esquerda do rio situava-se sobre um barranco de 30 pés de altura. O rio formando curva fechadíssima apresentava o canal navegável justamente ao pé do Forte de Humaitá. Em posição invejável as baterias inimigas descarregavam diretamente a sua fúria sobre quem tentasse passar-lhe à frente.

O desenho mostra ainda a direção da correnteza, os bancos de areia, a posição dos navios Brasil, Herval, Colombo e Cabral a dar cobertura aos outros que deveriam atravessar o Passo, castigando com fogo cerrado a fortaleza inimiga. Assinala ainda a formação das ousadas navas que conseguiram romper a barreira patagúia.

Desde a passagem de Curupaiti a Esquadra Brasileira estava parada, impedida de prosseguir por duas razões: a rasante do rio e a prática-

mente inexpugnável Fortaleza de Humaitá. Enquanto aguardava, foi destruindo os obstáculos postos pelo inimigo ao longo do leito do rio.

No dia 18 de fevereiro de 1868, véspera do grande feito, o rio subira 8 pés, o suficiente para as manobras dos navios de maior calado. A batalha já podia ser travada.

O plano idealizado exigia que cada encorçada levasse um monitor — tipo de navio de guerra — atracado a bombordo — lado esquerdo, segundo linguagem naval — na seguinte disposição: o "Barroso" com o monitor "Rio Grande" abrindo a marcha; o "Bahia" com o "Alagoas" no centro e o "Tamandaré" com o "Pará" atrás. Em terra, piquetes do exército ajudavam.

A hora seria pela madrugada. As três e trinta e cinco o "Barroso" e o "Rio Grande" tinham sobre si as baterias inimigas descarregadas com tamanha fúria que parecia impossível passar. Os bravos navios respondiam ao fogo como podiam e avançavam apesar de tudo. Tanto assim que quinze minutos depois o "Barroso" lançava aos ares um foguete, o bendito sinal combinado para anunciar a transposição do Passo. Rompendo as grossas correntes de ferro que atravessavam o rio, agüentando o ímpeto adversário, a nau capitânea vencera. Atrás o "Bahia" e o "Alagoas" o "Tamandaré" e o "Pará" sofriam a pontaria certeira dos canhões da Humaitá, pois o inimigo acendera grandes foguetes para divisar os salvos. Desgovernados o "Bahia" e o "Alagoas" viveram seus piores momentos, porém protegidos pelos próprios canhões, guiados pela perícia do comandante, conseguiram seguir a rota planejada.

Um a um os foguetes foram anunciando a passagem dos navios brasileiros e a queda da terrível fortaleza. Quando o dia de todo clareou, no silêncio que se seguiu ao emudecimento da voz dos canhões, vivas ecoaram vindos de bordo e de terra. A Batalha fora ganha e o comandante Joaquim José Inácio, Visconde de Onhaíma, realizavam tudo no deserto da vitória.

(Extraído do jornal "Diário do Povo", de Campinas, do dia 21-junho-1979)